

CONTRATO Nº 3956/91  
ECT/CÂMARA LEGISLATIVA/DF  
UP: AC/CÂMARA LEGISLATIVA

**IMPRESSO**

**DF**  
**LETRAS**

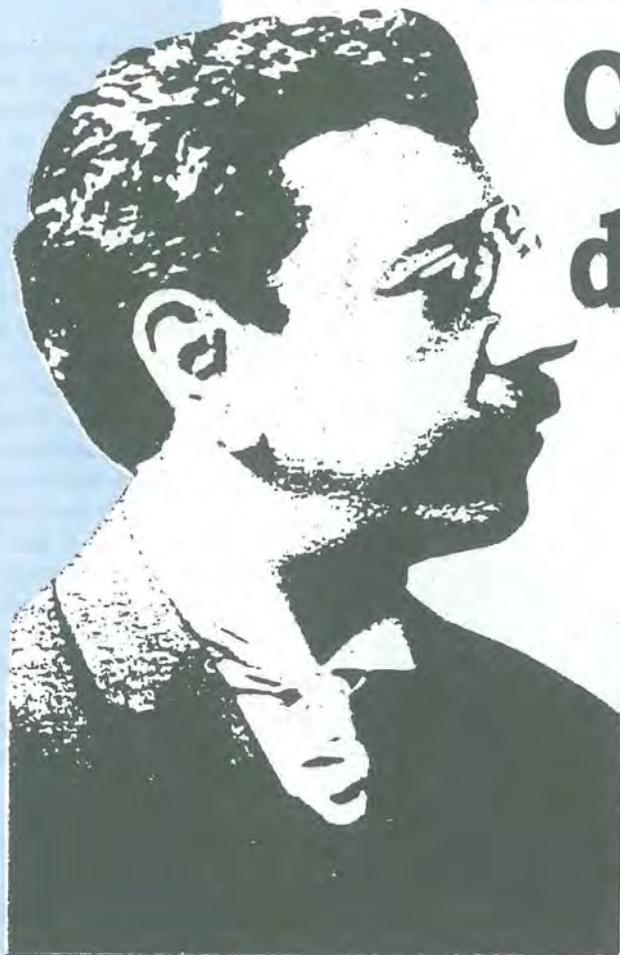
**A REVISTA CULTURAL DE BRASÍLIA**

ANO III Nº 31/34  
CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

# De Gutenberg a Bill Gates, caminhos e descaminhos da literatura

■ A epopéia de  
um candango

■ A história  
das HQs



# O centenário da Academia Brasileira de Letras

*Sempre às 5 horas da tarde Bilac Pinto e outros grandes escritores de sua época reuniam-se para conversar sobre literatura. Daí surgiu a idéia de criar-se uma Academia de Letras. A proposta foi feita inicialmente pelo escritor Lúcio Mendonça e logo assumida por todos.*

*“Nestes seus bem vividos cem anos de existência, a nossa Academia Brasileira de Letras tem-se constituído um referencial de preservação da língua portuguesa e de proteção à literatura nacional. Seu nascimento teve uma longa gestação. Meio século, precisamente. Um ideal que se tornou realidade em 1897.”*

□ Adirson Vasconcelos

O centenário da fundação da Academia Brasileira de Letras, que este ano se comemora, é uma oportunidade singular para pregarmos uma maior proteção à língua pátria e um maior incentivo ao estudo e à leitura, tendo a escola e a biblioteca como templos maiores do aprendizado e do aperfeiçoamento.

Nestes seus bem vividos cem anos de existência, a nossa Academia Brasileira de Letras tem-se constituído um referencial de preservação da língua portuguesa e de proteção à literatura nacional.

Seu nascimento teve uma longa gestação. Meio século, precisamente.

A primeira tentativa de uma sociedade que se ocupasse especialmente das “belas-letras” ocorreu em 1849. Uma iniciativa de 12 sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, numa sessão do sodalício. E já com o título para a novel sociedade: Instituto Literário ou Academia de Letras Brasileiras.

A idéia, porém, não se consolidou. Mas, os sonhos e os ideais daquele

momento permaneceram vivos. Sobreviveram. Mais algumas tentativas ao longo dos tempos. Todavia, não lograram êxito.

Somente no final do século, a idéia ganhou força e vigor.

José Veríssimo dirigia a Revista Brasileira e, no seu escritório, costumava reunir os intelectuais da época para conversar durante um chá, sempre às 5 horas da tarde. Presenças assíduas ou ocasionais de Olavo Bilac, Rui Barbosa, Machado de Assis, Artur Azevedo, Rodrigo Otávio, Medeiros e Albuquerque, Joaquim Nabuco e alguns outros.

Neste chá das 5, a idéia de fundação da Academia renasceu por proposta de Lúcio Mendonça. E, em menos de um ano, já se constituía a primeira diretoria, sendo Machado de Assis aclamado seu primeiro presidente. E para os outros cargos, os nomes de Joaquim Nabuco (secretário-geral), Rodrigo Otávio (primeiro-secretário), Silva Ramos (segundo-secretário) e Inglês de Sousa (tesoureiro). Foram escolhidos os 40 patronos. Na elaboração dos

Estatutos, tomou-se como modelo a Academia Francesa de Letras, já existente desde 1626.

Um ideal de meio século que se tornou realidade em 1897, quando foi oficialmente criada no dia 20 de julho.

De Machado de Assis a Nélida Piñon, a Academia Brasileira de Letras tem realizado, com eficiência e zelo, os seus propósitos. Cem anos de bons serviços ao País, notadamente à língua, à educação e à cultura.

Nélida Piñon, sua atual presidente, a definiu, com muita propriedade, na sessão comemorativa do Senado Federal, de "panteão consagrado à língua, à unidade literária do gênio brasileiro, ao talento criativo do Brasil".

Nesta sua vivência secular, a Academia Brasileira de Letras acolheu em seu seletto auditório de acadêmicos figuras expressivas da intelectualidade brasileira e que prestaram relevantes serviços às letras e à pátria. Além de seus fundadores, notável foi a atuação de Afrânio Peixoto, Austregésilo de Athayde, Coelho Neto, José Américo, Humberto de Campos, Assis Chateaubriand, Mauro Mota, Manuel Bandeira, Guimarães Rosa, Múcio Leão, Getúlio Vargas, Viriato Correa, dom Aquino Correa, Adonias Filho, Pedro Calmon, Otávio Mangabeira, Ademar Tavares, Mário Palmério, Afonso Pena, Hermes Lima, Deolindo Couto, Abgard Renaut, Rodrigo Otávio, Viana Moog, Odilo Costa, filho, Luiz Viana Filho, Aurélio Buarque, José Lins do Rego, Gustavo Barroso e tantos outros.

No ano do centenário, o quadro de imortais da Academia é formado pelas presenças de Nélida Piñon (presidente), Arnaldo Niskier (secretário-geral), Sábato Magaldi (segundo-secretário), Alberto Venâncio Filho (tesoureiro), Geraldo França de Lima (diretor da Biblioteca), Evaristo de Moraes Filho (diretor do Arquivo), João de Scantimburgo (diretor da Revista), Eduardo Portella (diretor dos Anais) e Afrânio Coutinho, Antonio Houaiss, Ariano Suassuna, Aurélio de Lyra Tavares, Barbosa Lima Sobrinho,



***O escritor Machado de Assis foi adamado o primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1897, quando foi oficialmente criada em 20 de julho***

Bernardo Élis, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Chagas Filho, Carlos Nejar, Dias Gomes, Herberto Sales, Ivo Pitanguy, João Cabral de Melo Neto, Jorge Amado, José Sarney, Josué Montello, Lêdo Ivo, dom Lucas Moreira Neves, Lygia Fagundes Telles, Marcos Almir Madeira, Marcos Vinícius Vilaça, Miguel Reale, Oscar Dias Corrêa, Tarcísio Padilha (eleito e ainda não empossado), Rachel de Queiroz, Roberto Marinho, Sérgio Corrêa da Costa e Sérgio Paulo Rouanet.

A par do seu empenho em defesa da língua pátria, a ABL tem motivado a produção cultural através de concursos e prêmios literários, incentivando o romance, o ensaio, o conto, o teatro, a erudição, a poesia, etc. E promoveu obras de vulto como a Coleção Afrânio Peixoto, o Dicionário da Língua Portuguesa, o Vocabulário Ortográfico, a Revista da Academia, os Anais, etc.

Seu prêmio de maior projeção é o Machado de Assis. Tem, também, o Prêmio Assis Chateaubriand. Seu endereço no Rio de Janeiro é à Avenida Presidente Wilson nº 203 - Castelo.

O Senado Federal, ao comemorar recentemente o centenário da Academia, disse, pela voz do seu presidente Antonio Carlos Magalhães, que "nenhum País pode ser forte, mesmo economicamente, se não tiver uma base cultural, maior que seja a sua economia". E justificou a sessão de homenagem "para exaltar a glória da Academia Brasileira de Letras nos seus cem anos e, sobretudo, para glorificar os seus acadêmicos, que tantos serviços prestam às letras e à cultura no Brasil".

Em verdade, a Academia Brasileira de Letras é um patrimônio da história e da vida da Nação. Ao evocá-la e exaltá-la, vale recordar Machado de Assis, em *Crisálidas*: "*Esta é a glória que fica, eleva, honra e consola*".

O centenário da Academia Brasileira de Letras é, enfim, um momento maior para uma reflexão nacional sobre os ideais cívicos dentro de uma visão estadística, objetivando os tempos futuros e o nosso próprio destino.

Só dois instrumentos podem nos levar à grandeza e à plena soberania como povo e como Nação: a Escola e a Biblioteca. Uma, é o sol. Outra, é a lua. Ambas, a luz. São também veículos protetores, preservadores e mantenedores da língua, que vive hoje o vilipêndio e a invasão de expressões idiomáticas estrangeiras, como nunca ocorreu.

Nestes dois templos do saber - na Escola e na Biblioteca - o estudo curricular, o incentivo à leitura e o culto aos nossos valores referenciais são objetivos que levarão, sem dúvida, o nosso povo, notadamente a nossa juventude, ao aprimoramento intelectual e social. E, se este aprimoramento alcançar os estágios da educação moral e espiritual, aí, sim, atingiremos degraus maiores na evolução do pensamento e na formação de uma nova civilização.